

“Garotas! Garotas! Garotas!”: a representação do feminino em *Como falar com garotas em festas* de Neil Gaiman

“Girls! Girls! Girls!”: representation of the feminine in Neil Gaiman’s *How to talk to girls at parties*

Márcia Tavares Chico¹

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: As histórias em quadrinhos vêm ganhando grande espaço nas discussões acadêmicas das últimas décadas. Análises dos mais variados assuntos são conduzidas, dentre elas, a análise da representação do feminino dentro do meio. O meio das histórias em quadrinhos ainda é visto como um meio masculino, no qual escritores homens escrevem tendo um público masculino em mente. Assim, o feminino é, em muitos casos, relegado a papéis secundários, sendo representadas apenas por estereótipos, como o da donzela indefesa, a vilã que tenta seduzir o mocinho, a mãe, aquela que morre para que a história do herói se desenvolva. O presente artigo procura analisar a utilização de estereótipos de gênero na criação da narrativa de *Como falar com garotas em festas* (2017) e como esses estereótipos criam a noção de feminino que é apresentada na história. Para tal, utiliza-se teorias advindas dos estudos de gênero, principalmente a noção de performatividade e, por se tratar de uma história em quadrinho, tanto a parte visual quanto a parte escrita serão analisadas.

Palavras-chave: representação do feminino, estudos de gênero, histórias em quadrinhos.

Abstract: Comics books have been more widely analyzed in academic discussions in the last decades. Analyses of many varied topics are conduct, one of those being the analysis of how female characters are represented in the genre. The comic books medium is still seen as being extremely masculine, a medium in which male writers create stories having a male audience in mind. Thus, female characters are represented through an array of stereotypes, such as: the damsel in distress, the villain who tries to seduce the good guy, the mother, the woman in refrigerator – that one who dies to further a male character’s narrative. The present article aims to analyze the use of gender stereotypes in the creative of the narrative of *How to talk to girls at parties* (2017) and how these stereotypes are used to present the notion of the feminine in the story. To do that, we use gender studies theories, focusing on gender performativity. And, because we are analyzing a comic book, both the visual and the written parts will be used in our investigation.

Keywords: female representation, gender studies, comic books.

Submetido em 30 de novembro de 2017

Aprovado em 28 de janeiro de 2017

Introdução

Nos últimos anos, as histórias em quadrinhos vêm ganhando maior visibilidade dentro do espaço acadêmico (GARCÍA, 2012). Muitas pesquisas analisam, por exemplo, a representação da história dentro dos quadrinhos ou como o gênero agrega

¹ Graduada em Letras – Português/Inglês e Mestre em Letras pela UFPel. E-mail: marciatch@gmail.com

tanto o visual quanto o escrito para formar suas histórias. Algumas outras, como no caso deste artigo, tratam da representação do feminino nas histórias em quadrinhos.

As histórias em quadrinhos ainda podem ser consideradas um meio masculino (MELLETTTE, 2012) no qual a maioria dos criadores de histórias são homens, com foco em um público masculino. Segundo McCloud, os quadrinhos ainda avançam lentamente quando se trata de representação e mais espaço para mulheres – tanto criadoras quanto leitoras – e que, infelizmente, “a cultura prevalecente do clube do Bolinha ainda esteja longe de se desfazer” (McCLOUD, 2006, p. 13).

Com os quadrinhos sendo mais aceitos dentro da área da literatura – fato demonstrado pelo número crescente de publicações sobre o tema –, cresce também a discussão de se histórias em quadrinhos são literatura ou não. Muitos pesquisadores, como Paulo Ramos (2014) fazem distinção entre literatura e quadrinhos dizendo que “quadrinhos são quadrinhos” (RAMOS, 2014, p. 17), mostrando que as histórias em quadrinhos possuem as próprias regras e peculiaridades, regras e peculiaridades estas não compartilhadas pela literatura. Entretanto, muitos concordam em ver as histórias em quadrinhos como um “veículo literário” (EISNER, 2005, p. 7), obras que possuem um grande valor artístico que podem, e devem, ser analisadas pela literatura.

O objetivo deste artigo é juntar as duas questões mencionadas, histórias em quadrinhos e a representação do feminino, e analisar como o feminino é colocado em *Como falar com garotas em festas* (2017), adaptação do conto homônimo de Neil Gaiman com arte de Fábio Moon e Gabriel Bá, os quais também foram responsáveis pela adaptação.

1. Neil Gaiman: quadrinhos e literatura

Neil Gaiman nasceu em 1960 no Reino Unido e já escreveu sobre variados assuntos e em variados campos, não somente na literatura. Ele “[c]omeçou como jornalista, depois foi escrever histórias em quadrinhos, graphic novels, contos, romances, roteiros para a TV e livros infantis. Também já escreveu peças para teatro e dirigiu seu próprio curta” (WAGNER; GOLDEN; BISSETTE, 2011, p. 25). Gaiman é considerado um dos maiores escritores de fantasia da atualidade e já recebeu grandes prêmios por seu trabalho, incluindo o Bram Stoker Award, o Eisner Award, um dos principais prêmios sobre histórias em quadrinhos, e vários Hugo Awards.

Grande leitor de quadrinhos e histórias em geral, Gaiman é defensor dos direitos de criação artística e do acesso universal à leitura, principalmente em forma de bibliotecas. É também grande contribuidor do “Comic Book Legal Defense Fund”, o qual é “a única instituição legal que protege a comunidade dos quadrinhos e graphic novels de tentativas constantes de perseguição e de processos contra criadores, editores, vendedores e distribuidores” (WAGNER; GOLDEN; BISSETTE, 2011, p. 25).

Seu trabalho com a *graphic novel* intitulada *Sandman* foi considerado um dos marcos das histórias em quadrinhos dos anos 80 e, juntamente com trabalhos como *Watchmen* (1986/87) de Alan Moore, revolucionou a maneira como os quadrinhos eram produzidos (WAGNER; GOLDEN; BISSETTE, 2011; KUKKONEN; MÜLLER-WOOD, 2010), inclusive sendo pioneiro no que hoje compreendemos como *graphic novels*.

2. Os adaptadores

Fábio Moon e Gabriel Bá são gêmeos e nasceram em São Paulo no ano de 1976. Em 1997 lançaram a obra *10 pãezinhos* que ganhou o prêmio HQ Mix de melhor fanzine. Seu quadrinho, *Daytripper* lançado em 2011 recebeu o Eisner Award e foi sucesso de vendas em vários países. Eles são responsáveis por outras adaptações de obras literárias como *O alienista* (2008) – ganhadora do prêmio Jabuti –, e *Dois Irmãos* (2015), adaptação da obra de Milton Hatoum, que ganhou o Eisner Award de Melhor Adaptação de Outro Meio e o Harvey Award de Melhor Publicação de Material Estrangeiro.

3. A obra: o conto e a adaptação

O conto *How to talk to girls at parties* foi inicialmente publicado em 2007 e conta a história de Enn e Vic, dois garotos de 15 anos que, na década de 1970, resolvem ir a uma festa. A história é narrada em primeira pessoa por um Enn já adulto que procura compreender o que aconteceu com ele e seu amigo durante a festa. A narrativa tem um ar misterioso e fantástico, pois Enn não consegue entender as garotas que ele conhece na festa, achando que elas eram seres de outros planetas e as histórias que elas contavam era a história de como elas haviam chegado ali e de onde elas vieram.

A história pode ser considerada um conto de amadurecimento. Há uma tentativa, por parte do narrador, de compreender o que aconteceu na festa, de compreender um momento que o mudou, e a seu amigo Vic, para sempre.

O conto foi adaptado tanto para o cinema, estrelando Nicole Kidman e Elle Fanning, quanto para os quadrinhos.

4. Como falar com garotas em festas: a representação do feminino

O objetivo deste artigo não é comparar o conto e sua adaptação para quadrinhos. Enxergamos a adaptação de *Como falar com garotas em festas* como uma obra em si mesma, algo que “é derivado mas não é derivativo – uma obra que é segunda sem ser secundária” (HUTCHEON, 2006, p. 9). Segundo Hutcheon, as adaptações são um produto em si mesmas, uma obra que é, em si, um ato criativo e interpretativo (HUTCHEON, 2006). Também acreditamos ser importante analisar quadrinhos como quadrinhos, como uma obra passiva de literariedade em si mesma.

Segundo Judith Butler (2014), a noção de gênero é discursivamente construída. Sendo assim, analisaremos a parte escrita e a parte imagética da obra.

O gênero, segundo as ideias de Butler, é construído através da repetição de um certo discurso, sendo visto como “a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que nomeia” (BUTLER, 1993, p. 2). Assim, o feminino é criado através da repetição de ideias, gestos, da utilização de certas vestimentas, daquilo que é repetidamente visto e reiterado como sendo feminino. Logo no começo de *Como falar com garotas em festas* nós somos apresentados à ideia de que o feminino é algo a ser decifrado, algo incompreensível para o masculino. O personagem principal diz: “acho que seria perfeitamente aceitável dizer que nós dois basicamente falávamos com, interagíamos com, e só nos entendíamos de verdade com outros garotos” (GAIMAN, 2017, p. 4, painel 4). Isso cria a ideia de um misticismo em relação ao feminino e apresenta a dicotomia masculino e feminino na qual o feminino deve ser essencialmente diferente do masculino. O próprio título já traz essa ideia de mistificação e de necessidade de decifração do feminino: são necessárias uma série de regras, é necessário um manual para que uma conversa com uma garota se desenvolva.



Figura 1: Enn em *Como falar com garotas em festas* (2017). © Neil Gaiman (texto); Fábio Moon e Gabriel Bá (ilustrações)

Fonte: Scan de nosso acervo pessoal

A ideia de falta de entendimento sobre o feminino é colocado também na parte gráfica. Ao chegar na festa, Enn é colocado, visualmente, como à parte, deslocado das meninas que estão lá se divertindo (cf. Figura 1). As cores que envolvem as garotas são quentes, tons de rosa e vermelho (o que também denota uma sensualidade sutil na imagem), enquanto Enn para longe delas, com seu blusão verde que o separa completamente da cena que se desenrola em sua frente (GAIMAN, 2017, p. 13, painel 1).

Assim, ele parte para tentar achar uma garota para conversar, mas elas, segundo ele, elas “eram muita areia para meu caminhãozinho” (GAIMAN, 2017, p. 16, painel 2). É interessante, então, notar, que o feminino é caracterizado através da aparência, principalmente. Ele é visto como uma conquista, um mistério a desvendar, uma dificuldade intelectual, mas em nenhum minuto é visto do modo como deveria ser: como um ser humano.

Isso nos traz à questão do olhar masculino. Como mencionado anteriormente, as histórias em quadrinhos são, em sua maioria, escritas por homens e tem o público masculino como seu público alvo. Isso significa que as personagens femininas são “idealizadas por homens e para homens, segundo o que eles vêem e entendem do sexo feminino, e provavelmente atuam como veículos da expressão sexual de seus autores e

do desejo de exibir o considerado imoral e proibido” (SIQUEIRA; VIEIRA, 2008, p. 189). Sendo assim, é comum ver, em quadrinhos, personagens femininas altamente sexualizadas, com arte que se foca nos corpos das personagens, dando valor a seu físico e não a sua personalidade.

As personagens femininas no quadrinho em análise não se apresentam como personagens que possam ser entendidas em si mesmas: elas são compreendidas através do olhar do narrador (um olhar masculino em si mesmo) e da compreensão – ou falta de compreensão – que ele apresenta sobre elas. Mesmo quando a narrativa acaba, não sabemos até que ponto o que as personagens femininas falaram na história (contos fantásticos sobre serem de outros planetas e de outros universos e estando de visita ao planeta Terra) é verdadeiro e quando foi a falta de entendimento do personagem principal sobre como se fala com garotas em festas.

A ideia de que o feminino é de outro mundo, não é nova, reiterando mais uma vez o fato de que o quadrinho em questão não quebra com paradigmas e estereótipos do feminino, mas sim os reforça.

O olhar masculino está altamente presente na forma como o feminino é retratado imageticamente em *Como falar com garotas em festas*. Não é somente o contraste de vestimentas – Enn e Vic estão de manga comprida, enquanto todas as garotas com as quais Enn conversa estão com roupas curtas que evidenciam seus corpos – mas também na ênfase que o enquadramento dos painéis dá ao físico feminino.

Quando Enn, após chegar à festa, toma coragem para se sentar ao lado de uma menina, há um enquadramento em plano detalhe dos seios da personagem (cf. Figura 2), com os mamilos em destaque (GAIMAN, 2017, p. 19, painel 4). Um detalhe acrescentado apenas para satisfazer o olhar masculino, pois poderia ter sido suficiente mostrar apenas que o olhar de Enn havia sido atraído para os seios da personagem.



Figura 2: Enn e a primeira garota com a qual ele conversa na festa em Como falar com garotas em festas (2017). © Neil Gaiman (texto); Fábio Moon e Gabriel Bá (ilustrações)

Fonte: Scan de nosso acervo pessoal

Seguindo a mesma linha de pensamento, o físico parece ter um grande peso para as personagens femininas. A primeira garota com que Enn conversa diz não querer dançar por não poder “danificar esse material” (GAIMAN, 2017, p. 23, painel 3), enquanto a segunda garota diz estar presa em seu corpo físico, em um “pedaço decadente de carne suspenso por uma armação de cálcio” (GAIMAN, 2017, p. 29, painel 2), um corpo que para ela é tão insuportável que ela desejava a morte.

Mesmo não entendendo as garotas da festa, a percepção que Enn tem delas e de seus interesses ainda está voltada para a aparência. Este é mais um estereótipo do feminino que é perpetuado na narrativa: o estereótipo de que o feminino é obcecado pela sua aparência, a ponto de que, quando esta aparência não é perfeita, a morte é desejável.

Outro estereótipo está presente no fato de as garotas falarem mais do que o Enn. Quando ele se senta para tentar travar uma conversa com elas, elas monopolizam a conversa, não precisando de muito incentivo para falarem de suas vidas e de seus problemas. Mesmo que Enn claramente não entenda o que está acontecendo ou o que elas estão falando, elas contam para ele sobre seus mundos e sobre as dificuldades enfrentadas no planeta Terra. O estereótipo do feminino como aquele que fala sem parar e do masculino que ouve sem entender é reforçado, então, nessas situações. As conversas em nada servem para que o leitor de fato entenda as personagens femininas, sendo somente exemplos das dificuldades de Enn de conversar com garotas, sendo mais fácil para ele imaginar realidades fantásticas do que realmente parar para entender o que elas estão ativamente dizendo.

Assim, o feminino é constantemente colocado em oposição ao masculino na narrativa, sendo que o feminino é misterioso, é de “outro mundo”, falador, preocupado com as aparências, perdido em um mundo que não entende. Isso está ligado a ideia de performatividade de gênero com ações, atos, ideias, estereótipos e representações que são repetidas no dia-a-dia e que nos levam a uma ideia, um conceito de gênero (BUTLER, 2014). Nada do que é apresentado na narrativa é novo, são apenas ideias, a maioria sobre o feminino, que são utilizadas para criar uma situação de humor.

A repetição destes estereótipos cria uma imagem clara do feminino nas histórias em quadrinhos e na cultura popular em geral. Isso vai ao encontro da performatividade de gênero. Segundo Butler,

Considere que exista uma segmentação das normas de gênero que produz o fenômeno peculiar do sexo natural, ou da mulher de verdade, ou qualquer caso das prevalentes e constrangedoras ficções sociais, e que essa segmentação produziu, com o tempo, um conjunto de estilos corporais os quais, de forma reificada, aparecem como a configuração natural de corpos como sexos que existem em relação binária um com o outro² (BUTLER, 1988, p. 524, tradução nossa).

No quadrinho, somos expostos ao que o autor – e também os adaptadores – vêem como feminino, como sendo a “configuração natural de corpos” femininos e como eles habitam o espaço que lhes é permitido. Nenhuma das personagens femininas é protagonista ou tem uma voz fora das lembranças de Enn (pois é importante lembrar que é um Enn adulto que está contando a história, que está compartilhando suas memórias). O que Enn apresenta leva a um entendimento do que é uma “mulher de verdade”.

Isso leva ao momento em que Vic vai embora, de modo apressado, da festa e arrasta Enn consigo. Vic havia começado uma conversa com a anfitriã da festa, uma menina chamada Stella. Quando Enn pergunta o que aconteceu, um Vic que havia acabado de vomitar na calçada (cf. Figura 3), responde: “Ela... Ela não era...” (GAIMAN, 2017, p. 59, painéis 3 e 4).

² No original: “Consider that there is a segmentation of gender norms that produces the peculiar phenomenon of a natural sex, or a real woman, or any number of prevalent and compelling social fictions, and that this is a segmentation that over time has produced a set of corporeal styles which, in reified form, appear as the natural configuration of bodies into sexes which exist in a binary relation to one another”.



Figura 3: Enn e Vic em *Como falar com garotas em festas* (2017). © Neil Gaiman (texto); Fábio Moon e Gabriel Bá (ilustrações)

Fonte: Scan de nosso acervo pessoal

Nos resta a pergunta: ela não era o quê? Ela não era humana, como a metáfora que permeia o texto parece sugerir? Ou ela não era “uma mulher de verdade”? O descontrole de Vic, sua fala de que ele seria visto como “a pessoa que fez **aquilo**” (GAIMAN, 2017, p. 60, painel 2, ênfase do texto original) sugerem a segunda opção. Enn, ou a narrativa, não contestam a fala de Vic ou procuram entender a fundo o que ele estava falando. O feminino, mais uma vez, é condensado em uma única visão, em uma única possibilidade. E quem dita essa possibilidade é o masculino.

Conclusão

Como demonstrado, *Como falar com garotas em festas* utiliza-se de estereótipos do feminino e de ideias populares e misóginas (como a ideia de que é difícil para um homem entender uma mulher) e amplia essas ideias para proporções épicas. Um menino, que se sente intimidado pelo fato de estar em uma festa e de não saber

conversar com meninas, imagina histórias fantásticas para cada uma das garotas com as quais conversa, assim tirando o problema de si e colocando-o nelas: não é culpa dele que as garotas com as quais está conversando são difíceis de entender, a culpa é delas por serem de outro planeta.

A ideia de colocar a culpa no feminino pelos problemas do masculino é algo comum pelo simples fato do feminino ser visto como o “outro”, como o diferente do padrão, como aquilo que, por ser diferente, é incompreensível para quem detém o poder de ditar o que é padrão.

Referências

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of ‘sex’*. Nova York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. Performative acts and gender constitution: an essay in phenomenology and feminist theory. *Theatre Journal*, n. 4, 1988. p. 519-531.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 7. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

EISNER, Will. *Narrativas gráficas*. Tradução Leandro Luigi Del Manto. São Paulo, Devir: 2005.

GAIMAN, Neil. *Como falar com garotas em festas*. Adaptação e tradução de Fábio Moon e Gabriel Bá. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2017.

GARCÍA, Santiago. *A novela gráfica*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HUTCHEON, Linda. *A theory of adaptation*. Nova York: Routledge, 2006.

McCLOUD, Scott. *Reinventando os quadrinhos: como a imaginação e a tecnologia vem revolucionando essa forma de arte*. Tradução Roger Maioli. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2006.

MELLETTE, Justin. Agency through fragmentation? The problem of Delirium in The Sandman. In: PRESCOTT, Tara; DRUCKER, Aaron (org.). *Feminism in the worlds of Neil Gaiman: essays on the comics, poetry and prose*. Carolina do Norte: McFarland & Company, 2012. p. 47-63.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2014.

SIQUEIRA, Denise; VIEIRA, Marcos. De comportadas a sedutoras: representações da mulher nos quadrinhos. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, vol. 5, n 1 3, jul./2008. p. 179 - 197.

WAGNER, Hank; GOLDEN, Christopher; BISSETTE, Stephen R. *Os vários mundos de Neil Gaiman*. Tradução Santiago Nazarian. São Paulo: Geração Editorial, 2011. 743 p.